



A PRESERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE COMO ELEMENTO PARA ENTENDER O MUNDO: O CASO DE SC/ SUL DO BRASIL

Rossano Lopes Bastos *

SUMMARY

Preserving and protecting prehistoric rock art contributes to the advancement of knowledge on human kind and can be an important instrument for its transmission. Rock art plays a fundamental part in understanding the social, cultural, and symbolic dynamics of a population. In Santa Catarina, in the south of Brazil, rock art is very wide spread whether along the coast or inland. Geometric and anthropomorphic markings, characterized by strong symbolism, have continually challenged the interpretative capacity of researchers. The graphic markings in this area may have been made dating back to 5,000 years ago. One generally deals with rocks engraved with geometric symbols, which are accompanied by anthropomorphic ones. If the local people and general public are not included and offered participation in the study and preservation process, thereby generating a mechanism for social inclusion, all of the measures in progress will have limited effectiveness. Our goal is to foster as much preservation and study as possible, keeping in mind that this scientific data must be used to the benefit of everyone's understanding and knowledge. In this article, sets of the most relevant examples will be presented, as well as discussion of the musealization efforts and their inherent consequences.

RIASSUNTO

Conservare e tutelare l'arte rupestre preistorica contribuisce allo sviluppo della conoscenza del genere umano e può essere un'importante strumento per la trasmissione del sapere. L'arte rupestre è fondamentale per comprendere le dinamiche sociali, culturali e simboliche di un popolo. A Santa Catarina, Brasile meridionale, l'arte rupestre è molto diffusa sia lungo che costa che nelle regioni dell'interno. Segni geometrici e antropomorfi, caratterizzati da un forte simbolismo, sfidano le capacità interpretative dei ricercatori. I segni grafici di questa zona possono essere fatti risalire fino a 5000 anni fa. Generalmente si tratta di rocce incise con incisioni geometriche cui si accompagnano degli antropomorfi. Se le popolazioni locali e il grande pubblico non saranno inclusi e resi partecipi dei processi di studio e conservazione, generando un meccanismo di inclusione sociale, tutti gli interventi in corso avranno un'incisività limitata. Il nostro obiettivo è quello di favorire il più possibile la conservazione e lo studio senza dimenticare che il dato scientifico si deve trasformare in sapere e conoscenza a beneficio di tutti. In questo articolo saranno presentati alcuni *set* che sembrano più rilevanti e verranno discussi gli interventi musealizzazione e le loro conseguenze.

A preservação da arte rupestre pré-histórica tem uma importante contribuição no desenvolvimento do conhecimento da humanidade e pode ser caracterizada como um marcador importante na transmissão de práticas humanas ao longo dos tempos. Sua conservação é vital para o entendimento de dinâmicas sociais, culturais e simbólicas. Em Santa Catarina, sul do Brasil, a arte rupestre tem forte presença tanto no interior como no litoral. Aqui tem características geométricas e até antropomorfas com elevado simbolismo que desafia os investigadores na sua interpretação. Os grafismos aqui encontrados pertencem a um período que remonta a pré-história brasileira e podem chegar a (5.000 A.P.) cinco mil anos antes do presente ou mais. Sua manifestação pode ser encontrada em matriz rochosa, geralmente em conjuntos e estilos uniformes geométricos com algumas variações antropomorfas. Sua preservação carece de inserção social e patrimonial que indica que enquanto não existir uma real apropriação do público sobre este rico patrimônio, as ações em curso para a sua preservação terão alcance limitado. Nosso interesse aqui é investigar e propor as formas mais eficazes de preservação e conhecimento. Desta forma, apontar para uma perspectiva inclusiva que reconheça

os diferentes discursos sobre as diferentes formas de representação no contexto arqueológico.

Com esta intenção trabalharemos com alguns conjuntos que nos parecem relevantes e abordaremos a musealização de elementos e seus desdobramentos.

A ARTE RUPESTRE COMO EXPRESSÃO

As manifestações ditas e entendidas com arte rupestre em Santa Catarina, Estado do Sul do Brasil, têm características de suporte semelhantes às que ocorrem em muitos lugares do Brasil e do Mundo. No caso em tela são manifestações grafadas em rochas, rochedos e paredões escarpados ou não de matriz em rochas do tipo diabásio. Comerlato (2005, p. 151) aponta que os sítios estão em diques de diabásio, geralmente em falésia composta, plataforma de abrasão, fenda ou pontal rochoso. A única exceção é o sítio mais setentrional, na Ilha de Porto Belo, litoral central de Santa Catarina. A temática é geométrica, além de representações humanas esquemáticas. A técnica de confecção predominante é o polimento. A importância deste conjunto de sítios soma-se a sua excepcionalidade - são os únicos sítios de representação rupestre até agora identificados em toda a costa brasileira.

* Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Doutor e Livre Docente em Arqueologia Brasileira pela Universidade de São Paulo (Brazil)

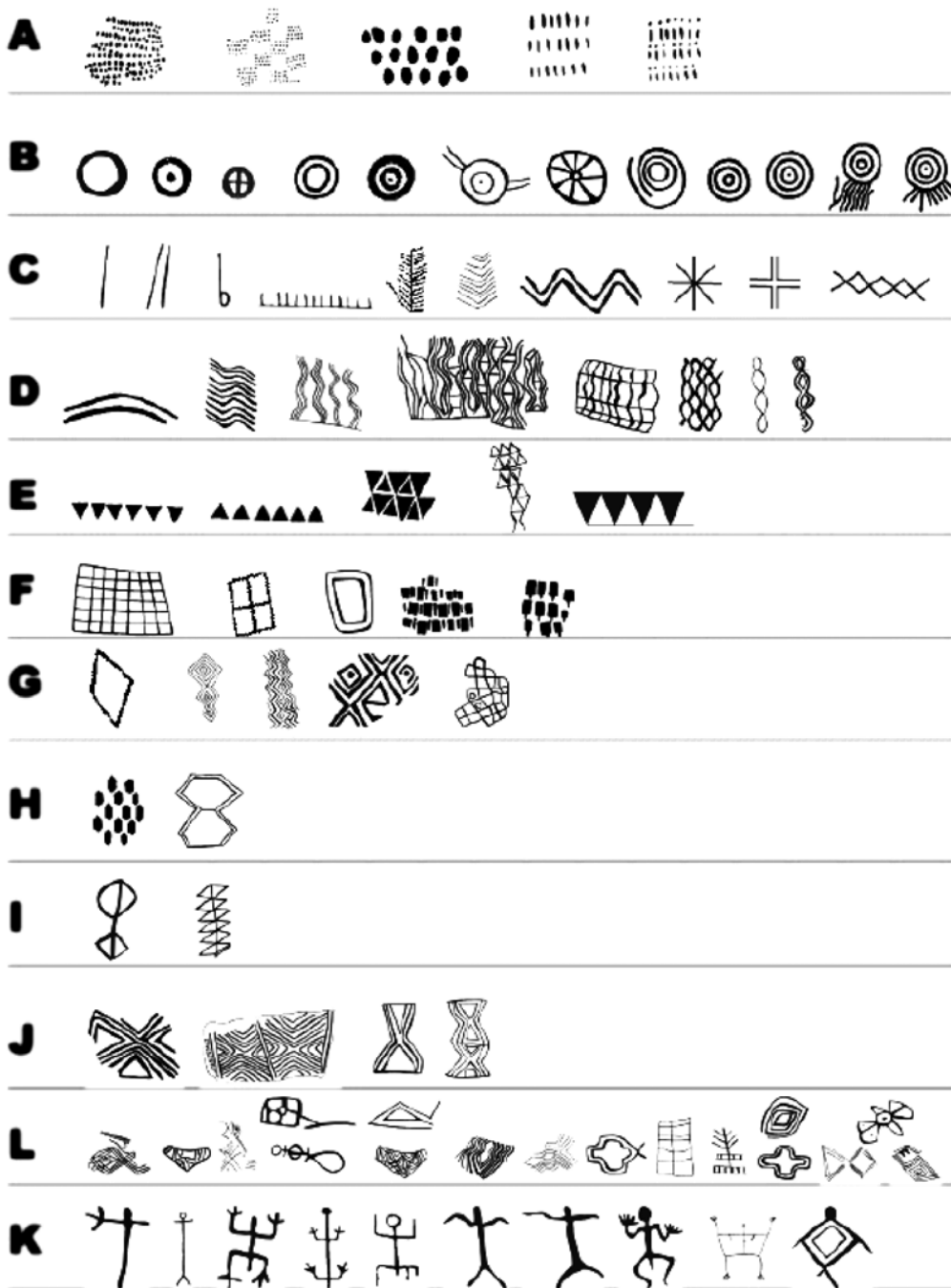
As experiências acadêmicas estão voltadas na sua maioria parte uma descrição física e/ou de análise cartesiana, identificando padrões de repetição, semelhanças e dessemelhanças, apostando na formulação de tradições e estilos arqueológicos como forma de apreensão.

Nosso entendimento é que precisamos avançar nas formulações etnoarqueológicas, semióticas de viés mais simbólico e reinterpretativo. Neste aspecto a apropriação dos signos pela população local e amadores na leitura da arte rupestre são livres e desprendidas de amarras tecno-científicas. Apesar de muito resistência no meio acadêmico esta maneira de interpretar a arte rupestre deve se constituir em elementos de reflexão por parte daqueles que se ocupam de dar sentido a arte rupestre enquanto conhecimento universal.

A AVALIAÇÃO DA ARTE RUPESTRE SEGUNDO AS FORMAS TRADI-
CIONAIS DE PESQUISA.

As perspectivas científicas para a interpretação e significados da arte rupestre são muitas e tem variados enfoques conforme a tendência teórica e acadêmica de cada pesquisador (COMERLATO 2005, p. 132), aponta para semelhanças na escolha dos locais utilizados como espaços gráficos e das áreas de ocupação pré-histórica em algumas ilhas analisadas na área litorânea central de Santa Catarina (Fig. 1).

Quadro acima apontado por Comerlato (2005, pp. 65-72). Os Tipos de representações rupestres do litoral central catarinense. Os limites geográficos das representações, a utilização da simetria na construção de formas específicas e a utilização dos diques em falésias rochosas marcam a construção de um espaço semânti-



co de populações pré-históricas, circunscrito por uma faixa de maior ocorrência de ilhas costeiras, área que hoje corresponde ao litoral central catarinense. Desta maneira, podemos dizer que entre Porto Belo e Garopaba existiu um território rupestre. Isto significa que as representações rupestres operavam, de certa forma, como um código visual de um grupo cultural específico. Esta unidade estrutural entre os sítios estudados, mesmo sem podermos adentrar ao significado das representações rupestres, indica que estes espaços articulados eram para seus executores parte de seu território (COMERLATO 2005, p. 134). Esta interpretação sobre a territorialidade realizada pela autora se constitui em importante contribuição, especialmente se levarmos em conta que a identificação de territórios e sua territorialidade aponta para um entendimento de como se apropriar do espaço e de como nele se organizar, constituindo práticas culturais e sociais no tempo/espaço de grupos que ali viveram.

A ARTE RUPESTRE RESSIGNIFICADA

Entre as primeiras menções científicas sobre a apropriação da “arte rupestre” destacamos o trabalho de Comerlato (2005, p. 150) que coloca além dos aspectos da conservação deste patrimônio, torna-se necessário refletirmos como as representações rupestres em Santa Catarina estão sendo estudadas, como estão servindo de identidade visual para entidades locais e como estão sendo apropriadas pelos discursos externos à academia. Aqui destacamos a importância, embora diferente destes aportes que sem pragmatismos ligados a padrões científicos, também não abrem mão de interpretar o mundo a partir das representações rupestres. Esta prática, antes de danosa, podemos considerar salutar no sentido de corroborar com outras interpretações e abrir leques no domínio puramente tecnocientífico.

Dentro desta perspectiva chamamos a atenção para os grupos indígenas e sua apropriação da arte rupestre, emprestando a elas um significado simbólico próprio ligado as suas práticas sociais e ao seu mundo de signos. Por outro lado, existe uma gama de pessoas, que apostam numa interpretação mais “fantasiosa” e outra ainda que reivindicam uma ligação a eventos climáticos e cósmicos ligados a determinados símbolos da arte rupestre. O fato de iniciativas governamentais e não governamentais de musealização da arte rupestre contribuiu para essa diversidade de leituras sobre o seu significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde já, aceito a categoria do Patrimônio arqueológico enquanto campo de disputa e confirmação de identidades e territórios. Aqui a dita “arte rupestre” legítimo componente deste patrimônio, também se transformou em objeto de disputa entre cientistas, comunidades tradicionais, comunidades indígenas, amadores e populações locais que desejam transformá-la em ativos turísticos patrimoniais.

O butim de guerra e a expropriação dos bens culturais foi destas épocas remotas uma estratégia de dominação que os exércitos vencedores aplicavam aos vencidos militarmente.

Bastos (2010, p. 24) tratando da memória e do esquecimento, matéria prima na construção do patrimônio foi buscar alguns atributos para pensar o patrimônio enquanto formador de território e identidades.

As novas demandas na América Latina relacionadas com os direitos fundamentais das comunidades indígenas e tradicionais, trazem uma obrigação ética de pensar o patrimônio em sua extensão e temporalidade, assim como seus desdobramentos nas novas e antigas formas de opressão e exploração.

Bastos (op. cit) invoca o devir cultural da mundialização civilizacional e computa vários vetores da laicização e da racionalidade onde a diferença, a diversidade, tende a aparecer. As análises da modernidade cuidavam do futuro e as análises da pós-modernidade cuidam do presente. O fato de a democracia ter nascido marginalmente na história e ter continuado sendo marginal, apesar da universalização da aspiração democrática, encontra rebatimentos confirmatórios na condição da memória e da construção do patrimônio cultural no Brasil, onde permanece o primado da casa grande e velha a ser pintada

Evidente que o reconhecimento da diferença e da alteridade ganha também esforços, que podem ser reconhecidos na edição de leis e normas que objetivam dar visibilidade ao conhecimento tradicional e aos povos diferentes. Mas, este reconhecimento é lento, gradual, negociado e não garante efetividade de direitos e desejos, uma vez que a dinâmica do capital, que busca acima de tudo o lucro, não tem nenhum compromisso com a formação de uma memória fora do status quo e um patrimônio plural.

A revolução cibernética aliada aos monopólios midiáticos trouxe um controle assustador sobre as dinâmicas sociais, aqui representadas em todas as suas vertentes, que vão desde a informação disponibilizada ao público até os aparelhos ideológicos de estado que compreendem as escolas, museus, centros de treinamento e aprendizagem, hospitais, centros de saúde dentro muitos outros.

Em Bergson (2006, p. 48) em sua construção acerca da natureza da memória argumenta que nossa duração não é um instante que substitui o outro instante: neste caso, haveria sempre apenas o presente, não haveria prolongamento do passado atual, não haveria evolução, não haveria duração concreta. A duração e o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha na medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente. A construção do Patrimônio atende a interesses específicos e dentro deles podemos encontrar significados que explicitam sua formação.

Aqui o Patrimônio será debatido enquanto instrumento de naturalização de territórios de poder, lugar de confirmação de identidades culturais, sofisticação de mando, exploração e espoliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS R.L.

2010 *Arqueologia dos desaparecidos: Identidades vulneráveis, Memórias partidas*, 1ª ed. São Paulo, IPHAN.

2011 *Direitos culturais como direitos humanos fundamentais*, in OOSTERBEEK L. (ed.), *Direito ao patrimônio para uma gestão integrada do território*, Tomar, Area domeniui, Vol. 4.

BERGSON H.

2006 *Memória e vida textos escolhidos* Giles Deleuze, Martins Fontes, São Paulo.

COMERLATO F.

2005 *As representações rupestres do Estado de Santa Catarina, Brasil*, in «Revista Ohun» 2, Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA, outubro 2005.